

Discurso de Posse INPE

26 de setembro de 2016

Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Gilberto Kassab;

Ilustríssimo Professor José Raimundo Braga Coelho, Presidente da Agência Espacial Brasileira, em nome do qual saúdo todas as demais autoridades presentes;

Ilustríssimo Professor Ronald Shellard, Diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, e fiel parceiro em muitos embates, em nome do qual saúdo os diretores das unidades de pesquisa do MCTIC,

Ilustríssimo Dr. Fernando de Mendonça, que um dia teve a visão seminal, a coragem e a dedicação para fundar este instituto, tomando a iniciativa destemida e inovadora de convidar jovens promissores, de diferentes formações e regiões do país, para virem participar da concretização de seu sonho;

Ilustríssimo Dr. Antônio Divino Moura, companheiro em tantos enfrentamentos, em nome do qual saúdo todos os colegas que em 1970 acreditaram no sonho do Dr. Mendonça e juntos demos início à carreira científica na então CNAE;

Colegas, senhoras e senhores,

Gostaria de inicialmente agradecer o Comitê de Busca e o Ministro Kassab pela confiança em mim depositada para dirigir uma das mais destacadas instituições científicas do país. Em seguida agradeço ao Dr. Perondi e aos dois diretores que o precederam, Dr. Gilberto Câmara e Professor Luis Carlos Miranda, pela colaboração no período que antecedeu minha posse, estando sempre dispostos a dar esclarecimentos e sugestões referentes à gestão do instituto. Espero continuar contando com suas contribuições durante meu mandato, assim como com as de outros colegas inpeanos.

Estamos atravessando um período difícil, tanto do ponto de vista econômico como político. Praticamente todas as unidades de pesquisa do MCTIC passam por dificuldades semelhantes às pelas quais passa o INPE, principalmente com relação a deficiência de pessoal e recursos orçamentários.

No entanto, a história mostra que foi em períodos de dificuldades que grandes instituições científicas souberam reavaliar seus programas, aprimorar aqueles com resultados mais contundentes e portadores de futuro, estabelecendo novas prioridades. Por outro lado, há também exemplos de instituições que sucumbiram em períodos de crise, se acomodando nas glórias do passado, sem se dar conta de que a ciência continuamente moderniza seus questionamentos e altera seus paradigmas.

Certamente o Ministro Kassab está consciente das presentes dificuldades enfrentadas pela comunidade científica e atuará eficazmente para minorá-las. Aliás, já demonstrou de forma clara seu compromisso, se posicionando com determinação contra o contingenciamento de recursos para a área da ciência e tecnologia e mantendo diálogo aberto, franco e cortês com essa comunidade, mesmo em momentos em que foi contestado por manifestantes politicamente motivados.

A disposição do Ministro Kassab e de sua equipe em dialogar com os principais atores do desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro, como a Academia Brasileira de Ciências, é em especial alvissareira porque, no passado, mesmo recente, houve muitos exemplos de orientações, políticas e programas estabelecidos por grupos reservados, com poder em esferas decisórias do governo, que produziram resultados desastrosos para a ciência nacional, devido principalmente à falta de diálogo adequado e de estudos preliminares abrangentes, desde sua fase de concepção.

Menciono esse fato porque é evidente que o Programa Nacional de Atividades Espaciais, já em sua quarta versão, muito provavelmente terá que ser novamente reavaliado, não somente devido às dificuldades conjunturais que enfrentamos, mas também devido às novas tecnologias espaciais que surgiram em anos bastante recentes. Isso exige estudos mais detalhados para definição de objetivos claros, mesmo num futuro distante, e de metas alcançáveis em

curto prazo, compatíveis com um cenário realista do desenvolvimento econômico nacional nos próximos anos.

Na definição de objetivos e metas, é essencial que o Ministério articule o envolvimento efetivo das comunidades científica, tecnológica e empresarial, para atuar juntamente com a AEB, DCTA e INPE, a partir da concepção dos projetos.

Em particular, é curioso notar que Política Nacional de Desenvolvimento das Atividades Espaciais, Decreto nº 1.332 de 1994, que estabeleceu as prioridades do programa espacial brasileiro, e muitos outros documentos que se seguiram, não definem satisfatoriamente seu objetivo a longo prazo. Almejamos um programa do nível do chinês ou hindu, com capacidade para lançar missões no espaço profundo, ou nos limitar à capacidade de desenvolver e lançar satélites no espaço próximo, voltados a aplicações em sensoriamento remoto, telecomunicações, etc ?

Como diz o Professor Miranda, a atividade espacial, juntamente com a nanotecnologia e a biotecnologia, está entre as tecnologias rompedoras de paradigmas que vão moldar o desenvolvimento da humanidade neste século. Por isso, é essencial estabelecermos com clareza os objetivos de longo prazo. O programa espacial tem que ser uma política de estado, com garantia de continuidade e de cumprimento de metas, principalmente aquelas estabelecidas em acordos internacionais.

Naturalmente temos que ser pragmáticos e sensatos no estabelecimento de metas de curto prazo, mas sem nunca perder a visão de futuro, mesmo que pareça utópica. Por outro lado, o cumprimento das metas não pode continuar sofrendo atrasos inaceitáveis, por incertezas na garantia de recursos humanos e financeiros.

Pretendo trabalhar por uma efetiva colaboração do INPE com a AEB para executar, da forma mais eficaz possível, as metas já estabelecidas, que recebo ao assumir a Diretoria. Mas, em contrapartida, solicito que seja devidamente concedido ao INPE o protagonismo que lhe cabe na definição dos objetivos e metas do Programa Espacial Brasileiro, facultando-lhe assento no Conselho da AEB.

Além da participação no programa espacial, o INPE desempenha também papel seminal na pesquisa científica básica e nas aplicações da atividade espacial para a sociedade, como meteorologia, mudanças climáticas, monitoramento ambiental, previsão do clima espacial, etc. De fato, a pesquisa espacial, que faz parte de seu nome, é a missão *bona fide* do INPE.

No desempenho dessa missão, pretendo estimular ao máximo efetiva colaboração com a comunidade científica nacional, principalmente com outras unidades de pesquisa do MCTIC, focalizando em projetos estruturantes de maior fôlego e priorizando, em particular, o desenvolvimento local de instrumentação científica.

Costumo dizer que, apesar de a ciência brasileira ter alcançado alto nível no cenário internacional, a profundidade de seus alicerces continua muito pouca, devido, principalmente, a um exagerado enfoque na publicação de artigos científicos. Essa atitude levou à priorização da importação de equipamentos e instrumentos, mesmo alguns que poderiam ser produzidos no país, com o intuito de rapidamente obter resultados.

O INPE, com suas invejáveis instalações laboratoriais e altíssima qualificação de seu corpo técnico, tem certamente as condições necessárias para corrigir essa distorção, pelo menos na área da ciência espacial, ancorando projetos em rede com outras instituições e empresas, que priorizem o desenvolvimento de instrumentação científica, utilizando a experiência já adquirida na execução do programa espacial.

Retornando ao notável papel do INPE na prestação de serviços relevantes e estratégicos para a sociedade, comprometo-me procurar facilitar ao máximo a inserção em novos projetos, desde que também estimulem uma efetiva integração com outras instituições e órgãos governamentais, em particular com relação à meteorologia e observação da Terra.

Como última mensagem aos novos colegas que me recebem, informo que acredito fortemente que instituições de pesquisa só alcançam posições de destaque se adotarem uma política de decisões colegiadas baseadas quase que exclusivamente na soberania da competência científica e técnica, para estabelecer seus programas. Tenho seguido essa diretiva em todas instâncias

em que tive função de coordenação e pretendo continuar seguindo-a na gestão do INPE.

Termino agradecendo à Universidade de São Paulo, que pela segunda vez me concede afastamento para prestar serviços ao Governo Federal, aos amigos que incentivaram minha candidatura e à minha família, pela compreensão e suporte que me têm dado para enfrentar esta desafiadora missão.

Obrigado pela atenção.

Ricardo Galvão